

# MOVIMENTO ESPIRITUAL DE FRANCISCO DE ASSIS

## SPIRITUAL MOVEMENT OF SAINT FRANCIS OF ASSISI

### **Maurício Ferreira da Silva**

Graduando do curso de Bacharel em Teologia pelo Instituto de Formação Humanística da Universidade Católica de Pelotas. E-mail: mauricio.ferreiradasilva@hotmail.com

#### **RESUMO:**

Este texto busca enlevar alguns pontos principais da vida de Francisco de Assis e a Ordem dos Frades Menores, de modo que a espiritualidade franciscana seja fonte de inspiração para a vivência do Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Percebeu-se a majestosa influência do santo de Assis na história da Igreja e europeia em uma época tão conturbada, mas que foi capaz de gerar figuras tão distintas como a que se atém este breve artigo. Procurou-se destacar alguns aspectos da realidade social de então e perpassar pelo surgimento das Ordens Mendicantes até chegar ao ponto central deste estudo, a figura de Francisco, jovem de Assis e grande santo de Deus. Sejam tão simples palavras, ao menos incitadoras a novas leituras e a busca de aprofundamento deste tema que não se esgota.

#### **PALAVRAS-CHAVE:**

Evangelho, Francisco de Assis, Pobreza.

#### **ABSTRACT:**

The present text seeks to highlight some of the main points of Saint Francis of Assisi's life as well as of the Order of Friars Minor, so that the Franciscan spirituality may be source of inspiration for the experience of the Holy Gospel of Our Lord Jesus Christ. It was noticed the majestic influence of the Saint of Assisi in the history of the Church and Europe in such a disturbed time, though so fruitful in the generation of so distinctive figures, like the one this brief article sticks to. We sought to highlight some aspects of the social reality of then and pass through the emergence of the Mendicant Orders, until the reaching of the central point of the present study, which is the person of Francis, young of Assisi and grate Saint of God. May such simple words be at least inciting to new readings and searching of deepening of this theme that does not deplete.

#### **KEYWORDS:**

Justice. Reciprocity. Equity. Legal Justice. Aristotle.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao falar em seu itinerário espiritual é importante verificar o contexto histórico e sócio cultural em que viveu e se desenvolveu Francisco de Assis. Homem de seu tempo e lugar, cuja graça do Senhor o alcançou formando-o de modo a torna-lo um santo que viveu a mística cristã da maneira mais profunda e autêntica, ou seja, observando o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pelo século XIII a unidade do Sacro Império Romano Germânico se desmantelava e não se sustentava mais o modelo feudal de sociedade. Nas regiões europeias com acesso pelo Mediterrâneo, sobretudo, vigorava um novo modelo de organização social, as ditas Comunas, constituídas pelas novas classes dos artesãos e comerciantes.

As Comunas organizadas em uma dinâmica urbana e economia monetária própria, geraram novos delineamentos éticos e religiosos nos emergentes Estados Nacionais que por sua vez afastavam-se da língua latina tanto na vida pública como literária, formando-se as identidades próprias de cada lugar já fora da órbita monárquica, que havia sido a força civilizadora no auto período Medieval.

Neste contexto nasceu Francisco entre fins de 1181 e início do ano 1182 na cidade de Assis, região da Úmbria, filho do comerciante Pedro Bernardone. Sua mãe o batizou com o nome João, mas ao voltar seu pai de uma viagem de negócios à França, impôs o nome de Francisco.

Entre o feudalismo e a comuna, o império unitário e o surgimento das nações, entre a língua culta e a língua vulgar, nasceu Francisco encarnando as mais típicas características de um burguês de Assis. Não sabia ele que além de se tornar um marco histórico na vida da Igreja, Francisco se tornaria um expoente na sociedade de então, deixando sólidas contribuições para a civilização do Ocidente.

## 2 INSSURREIÇÃO DOS MOVIMENTOS MENDICANTES

Neste período da história, é válido reservar um breve momento para destacar alguns

aspectos sobre as ordens mendicantes que surgem num momento eclesial de excessos. O séc. XIII, por sua vez foi fecundo no surgimento de ordens religiosas. O que causou certa preocupação quanto às possíveis divisões ou confusões que poderiam provocar dentro da própria organização da Igreja. O quarto concílio de Latrão de 1215 e o concílio de Lião de 1274 chegaram, inclusive, a proibir a fundação de novas ordens.

Neste contexto são fundadas as ordens Franciscana e Dominicana, como necessidade de um tempo e demonstrando a viva corrente ascética na Igreja em uma época tão conturbada para o cristianismo, constituindo, pois, frutos belos da espiritualidade católica no mundo.

Os mendicantes buscavam o ideal de pobreza, limitando-se à posse do mínimo para subsistência. Sustentavam-se pelos trabalhos manuais e as esmolas recolhidas através da mendicância. Procuravam compensar esse benefício com a pregação e demais trabalhos pastorais, por isso, diferentemente das antigas ordens monacais, eles se estabeleciam nas cidades, apoiando-se na burguesia nascente.

Enquanto parte do clero estava submerso nos bens e sufocado nos prazeres e a heresia se erguia poderosa, os mendicantes buscavam a imitação de Cristo. Foram, pois promotores de uma verdadeira reforma partindo das entranhas da Igreja, impregnando-a do puro ideal evangélico.

Dentro do movimento mendicante houve diversos grupos, que tinham por ideal a pobreza, mas que se desviaram por caminhos não condizentes com o ensinamento da Igreja. Destacam-se alguns, como:

Valdenses, de Lyon, foram aprovados por Alexandre III em 1179 e podiam fazer voto de pobreza, mas não pregar sem licença ordinária. Porém se dedicaram a pregação livre e vulgarizaram as Sagradas Escrituras. Ensinavam que são inválidos os atos realizados por um sacerdote indigno, sendo condenados por Lúcio III em 1185.

Os cátaros ou albigenses, do sul da França e Lombardia, professavam uma fé filosófico-teológica fundamentada no dualismo

maniqueu. Negavam vários dogmas do cristianismo, rejeitavam o Antigo Testamento e abominavam todo culto externo. Além disso, se achavam perfeitos e seguiam uma moral rígida e rigoroso ascetismo. Seguem-se os humilhados, pobres católicos, e outros.

Estes são alguns exemplos de correntes mendicantes que não estiveram em plena unidade e concordância com o cristianismo, justificando a cautela do Sumo Pontífice e o colégio dos Cardeais a respeito da aprovação da Ordem de Francisco logo no seu início.

As novas ordens que se mantiveram fiéis aos seus princípios originais e sob a bênção da Igreja realizaram verdadeiras curas de almas. O papa apoiou-se nelas no combate à heresia, no desenvolvimento da obra missionária entre povos não cristãos, inclusive maometanos. Atingindo, assim, fins político-eclesiásticos e de reforma, deram frutos, inclusive no campo da ciência eclesiástica.

Elas tendem a uma organização corporativa. Possuem o Ministro Geral à frente (Minister Generalis para os Franciscanos, Magister Generalis para os Dominicanos). Por regiões existem os ministros ou priores provinciais que se reúnem com o ministro Geral da Ordem (a cada três anos os franciscanos e a cada um ano os dominicanos, depois com menos frequência) para o chamado capítulo geral, o qual compete o poder legislativo de toda Ordem.

Especialmente com Francisco de Assis, a Ordem Terceira, outra particularidade dos mendicantes, ganha forma definitiva. A ordem terceira esteve vinculada aos Beneditinos e outras ordens desde o séc. XI. Com os franciscanos, as famílias continuavam no mundo, com suas profissões e propriedades, mas seguindo certas regras sob a direção da ordem primeira (ramo masculino), com práticas de oração e obras de penitência e amor para com o próximo. Francisco introduz a imitação de Cristo no seio da família, ideal antes procurado mais sistematicamente apenas pelos monges.

### 3 O JOVEM FRANCISCO

O jovem Francisco foi um legítimo filho

da burguesia de Assis, ambiente marcado pela cobiça dos comerciantes e a avareza do próprio pai, o vendedor de tecidos. Foi um jovem festeiro como os outros de sua idade e inclinado às aventuras das cavalarias. "Em sua juventude, viveu Francisco no meio dos filhos deste mundo e como eles foi educado. Depois de aprender a ler e a escrever, recebeu emprego rendoso no comércio." (BOAVENTURA, 2016, p. 13).

Mesmo filho desta cultura, desde o início desenvolveu traços de personalidade que o tornava especial em meio aos outros, como a mansidão, gentileza, paciência, afabilidade, liberalidade. Nunca se entregou obstinadamente aos desejos da ganância. "Vivia num ambiente marcado pela cobiça dos comerciantes, embora gostasse de obter seus lucros, jamais cedeu desesperadamente ao dinheiro." (BOAVENTURA, 2016, p. 13).

Aconteceu que um dia, Francisco dispensou um pobre sem a esmola que pedia por amor de Deus. Caindo em si, refletiu sua atitude e sentiu-se insatisfeito com o que fez e prometeu a si e ao Senhor não mais negar ajuda na medida de suas possibilidades a quem o pedisse por amor de Deus. "Se aquele pobre tivesse pedido algo em nome de algum conde ou barão, com certeza o terias atendido, quanto mais não o deverias ter feito pelo Rei dos reis e Senhor de todos?" (LEGENDA DOS TRÊS COMPANHEIROS, 1978, p. 14).

Francisco a esta altura ainda não compreendia os planos de Deus a seu respeito, não pensava na sua vocação, pois andava distraído de mais com os negócios de seu pai e não nos seus ou nos planos de Deus. Nesse sentido, destaca São Boaventura:

Por essa época, Francisco ainda ignorava os planos de Deus a seu respeito, pois não havia aprendido a contemplação das coisas do alto, levado que era sempre em direção às coisas externas por ordem de seu pai, nem havia adquirido ainda o gosto pelas coisas de Deus, atraído para as coisas inferiores pela corrupção que todos nós temos desde o berço. (BOAVENTURA, 2016, p. 14).

Muitas experiências vividas intensamente

podem transformar o coração e a mentalidade de uma pessoa displicente ou enrijecida nos seus sentimentos. Por vezes pode ser uma intensa alegria, mas na maioria dos casos essa não deixa grandes marcas transformadoras e logo cai no esquecimento. Situações mais difíceis, de dor e abatimento trazem não tão raras melhores lições para vida e podem conter conteúdo de inteiro amadurecimento à personalidade, pois provocam o encontro do indivíduo consigo mesmo e com Deus. Francisco de Assis experimentou essa realidade profundamente. Tomás de Celano expõem da seguinte maneira:

[...] a misericórdia divina, subitamente desperta sua consciência por meio de uma angústia na alma e de uma enfermidade no corpo, conforme as palavras do profeta: "Hei de barrar teu caminho com espinhos e cercalo de muralhas". Prostrado por longa enfermidade, que é o que merece a teimosia dos homens que não se emendam a não ser com castigo, começou a refletir consigo mesmo de maneira diferente. (CELANO, 2004, p. 188).

Já melhor de saúde, Francisco começa a andar pela casa, um dia saiu para rua, mas depois do que experimentara anteriormente com aquela brusca enfermidade, se sentia diferente e o que até pouco tempo lhe trazia satisfação e contentamento, agora parece que perdeu o sabor. Sentia que "nem a beleza dos campos, nem o encanto dos vinhedos, nem coisa alguma agradável de se ver conseguia satisfazê-lo." (CELANO, 2004, p. 188).

Ele começava a elaborar em sua mente todas essas coisas, mas "ainda não tinha experiência em interpretar os divinos mistérios e ignorava a arte de ir além das aparências visíveis até as realidades invisíveis." (BOAVENTURA, 2016, p. 15). Deus não se cansa em sua graça e bondade e 'visitou' o jovem Francisco na fé e na vida.

O rapaz, sabendo de um nobre de Assis que marcharia para Apúlia armado militarmente a fim de angariar mais riquezas e fama, logo decide alistar-se e investir junto

nessa missão. Mas aconteceu que durante a noite, Francisco teve um sonho e o Senhor lhe pergunta, agora em tom mais 'familiar': quem poderia fazer mais por ele, o Senhor ou o servo? Sua resposta foi logo: o Senhor. A voz no sonho lhe diz mais incisivamente: por que vai trocar o Senhor pelo servo? A riqueza de Deus pela pobreza do homem? E Francisco já sentindo o chamado, mas ainda não compreendendo, pergunta: Senhor, o que queres que eu faça? E o Senhor lhe diz: volta para tua terra. "Porque isso que viste em sonhos tem um sentido todo espiritual, e há de realizar-se contigo não por interferência humana, mas por disposições divinas." (BOAVENTURA, 2016, p. 15).

De fato, Francisco viveu uma transformação e os negócios de seu pai já não tinham o mesmo valor. Passou a desejar profundamente a pátria celeste, sentido último de sua vida. Agora começou a refletir sobre sua vocação ainda que não soubesse como fazer. Dedicou-se à oração e sentia que o "intercâmbio espiritual começa pelo desprezo do mundo e que para alguém ser soldado de Cristo é preciso já ter conseguido a vitória sobre si mesmo." (BOAVENTURA, 2016, p. 16).

Um dia, andando a cavalo na planície de Assis, encontrou um leproso. Francisco ficou horrorizado, de fato ele sentia repugnância da lepra. Pelo propósito de perfeição que abraçara e da necessidade de vencer-se, desceu do cavalo, deu esmola e um beijo no leproso. Montou a cavalo e olhando em toda volta não o via mais, não via mais 'sua repugnância', mas desejava fazer coisas ainda melhores. Ele admirava-se com cada experiência, que na simplicidade dos fatos revelava a grandeza dos ensinamentos pela inspiração divina que continha. Francisco cantava louvores ao Senhor.

Cada vez mais frequentava lugares solitários, propícios à oração. Um dia na solidão apareceu-lhe Cristo Crucificado. Experiência tão forte e tão eficaz que a paixão de Cristo como que se gravou em sua alma e em seu coração. Em Jesus Crucificado, a espiritualidade de Francisco ia sendo edificada segundo a vontade de Deus. Ele revelou pouco antes de morrer essa experiência e que logo

tinha compreendido que se dirigira a ele aquela passagem que diz: "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me." (Mt 16,24)

Intensificou as esmolas e o amor à pobreza. Queria dar mais que dinheiro, queria 'dar a si mesmo', como evidencia Boaventura (2016, p. 17). Francisco ainda costumava ajudar sacerdotes pobres doando alfaias e paramentos, toalhas para o altar.

Uma vez peregrinou ao túmulo de São Pedro. Reparou no grande número de mendigos em frente à igreja, escolheu um dos pobres e trocou de roupas, vestiu os farrapos e passou todo o dia na companhia deles. Trazia na carne a cruz de Cristo e nutria especial amor pela pobreza. "Tudo isso se deu quando Francisco ainda vivia e se vestia como um leigo no mundo." (BOABENTURA, 2016, p. 18).

#### **4 A CONVERSÃO DEFINITIVA**

Durante o itinerário espiritual e existencial de Francisco de Assis, o próprio Cristo era o seu único guia. E em uma de suas andanças, provavelmente quando saiu para a oração, passando pela igreja de São Damião, "ameaçando ruína por sua muita antiguidade" (CELANO, 2004, p. 192) entrou e de joelhos rezava diante do Crucificado. Ele sentia a consolação e as lágrimas enchiam seus olhos ao contemplar a cruz. Entre a consolação ouviu a desinquietante voz que vinha da cruz e dizia: "Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que estás em ruínas" (BOAVENTURA, 2016, p. 19).

Pensando em se tratar da capela apenas, empenhou-se em reconstruí-la. Foi até a loja do pai, pegou algumas fazendas de tecidos e partiu para Foligno a cavalo, onde vendeu a mercadoria e também o cavalo. Regressando à Assis, ao entrar na igreja, encontra o capelão, ofereceu-o dinheiro para restaurar a igreja e distribuir aos pobres. Pediu também ao sacerdote para viver algum tempo com ele, e hospedaria o sacerdote oferece, mas o dinheiro não aceitou por medo da família de Francisco. Francisco atirou o dinheiro a um canto, pois já não o considerava importante. Referindo-se a este episódio, Celano explica:

Levantou-se armado do sinal-da-cruz e, tendo preparado um cavalo, montou e, levando consigo peças de escarlate para vender, partiu veloz para Foligno. Tendo lá vendido como de costume tudo que levara, o feliz mercador deixou até o cavalo que montara, depois de receber o preço que valia. De volta, livre da carga, vinha pensando com visão religiosa no que fazer com o dinheiro. (CELANO, 2004, p.191).

O pai de Francisco ao saber de sua atitude vai furioso atrás dele. O rapaz por sua vez, "sendo ainda novo no serviço de Cristo" (BOAVENTURA, p. 20) se esconde em uma caverna, e permanece aí vários dias por medo do pai. Enfim, sentindo-se covarde, depois de muito orar, retorna à Assis. Seus concidadãos acham que ele está louco. Atiravam-no pedras e lama, aos gritos e insultos. Seu pai sabendo da confusão na cidade correu e o arrastou para casa, lhe de uma surra e o prendeu.

Pouco tempo depois, o pai viaja e a mãe que não aprovava a prisão do filho, o soltou e ele foi embora. O pai retornando, destrata a mulher e vai furioso novamente em busca de Francisco, não conseguindo trazê-lo de volta, recupera o dinheiro dos tecidos e do cavalo que Francisco havia vendido, tesouro do seu coração.

Não contente ainda. Pedro Bernardone foi ao palácio da comuna e pediu aos cônsules que Francisco restituísse o que gastou. Francisco responde aos mensageiros do consulado que por graça de Deus já era livre e não obedecia mais aos cônsules. Pedro Bernardone vai então ao bispo, onde Francisco deveria renunciar toda herança. Ao Bispo, Francisco obedece e comparece à sua presença. Sem hesitar, além de abrir mão da herança, tira as vestes e as entrega ao pai. Todos viram que ele usava um cilício.

Completamente nu, diz: "Até agora chamei-te meu pai, mas de agora em diante posso dizer sem qualquer reserva: Pai nosso que estais no céu (cf. Mt 6,9), pois foi a ele que confiei meu tesouro e nele depusitei minha fé." (BOAVENTURA, 2016, p. 22). O bispo comovido abraça-o e o cobre com o seu manto e pede

que trouxessem alguma roupa. Trouxeram a roupa de um dos camponeses que serviam o bispo.

É aqui que o nu luta com o adversário nu e, desprezando as coisas que são do mundo, aspira apenas à justiça de Deus. Foi assim que Francisco tratou de desprezar a própria vida, deixando de lado toda solicitude mundana, para encontrar como um pobre a paz no caminho que lhe fora aberto: só a parede da carne separava-o ainda da visão celeste. (CELANO, 2004, p. 195-196).

Aconteceu que Francisco saindo da cidade foi pela floresta louvando a Deus em francês. Nesta feita foi atacado por ladrões que perguntaram quem era ele? Respondeu firme que era o arauto do Grande Rei. Bateram nele e o jogaram numa fossa cheia de neve. Saindo dali foi para o mosteiro de São Verecundo, sul de Gubbio, onde ajudou na cozinha e nada ganhou, nem alimento tampouco uma túnica velha para vestir. Saindo do mosteiro foi à Gubbio, onde foi reconhecido e ajudado por um amigo, de quem aceitou uma túnica simples. Depois disso dedicou-se aos leprosos.

Depois disso, amante santo de toda humildade, transferiu-se para um leprosário. Vivia com os leprosos, servindo com a maior diligência a todos por amor de Deus. Lavava-lhes qualquer podridão dos corpos e limpava até o pus de suas chagas, como disse no Testamento: "Como estivesse ainda em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos, mas o Senhor me conduziu para o meio deles e eu tive misericórdia com eles." (CELANO, 2004, p. 196-197).

## 5 A RECONSTRUÇÃO DAS TRÊS IGREJAS

Com esmolas do povo de Assis, concluiu a reforma da igreja de São Damião. "Não desfez os alicerces, mas edificou sobre eles, reservando essa prerrogativa, mesmo sem pensar, ao Cristo: ninguém pode pôr outro fundamento senão o que foi posto: Cristo Jesus". (CELANO, 2004, p. 197).

Posteriormente foi na Igreja de São Damião que teve origem a ordem das

Senhoras Pobres, mais tarde conhecidas como Clarissas, depois de seis anos da conversão de Francisco de Assis e da fundação da Ordem dos Frades Menores. Clara foi a primeira a aspirar ao carisma da pobreza evangélica e através dela deu-se início ao segundo grau da Ordem Franciscana. Celano bem retrata este acontecido histórico de tão grande importância.

Foi esse lugar feliz e abençoado em que teve auspicioso início a família religiosa e excelentíssima Ordem das Senhoras Pobres e santas virgens, quase seis anos depois da conversão do Bem-aventurado Francisco e por seu intermédio. Nela estabeleceu-se dona Clara, natural de Assis, como pedra preciosa e inabalável, alicerce para as outras pedras que haveriam de se sobrepor. (CELANO, 2004, p. 198).

No silêncio e na oração as irmãs da pobreza resplandeciam na humildade e caridade de modo que um número de até cinquenta em um só lugar formava um só espírito. Na mansidão e paciência viviam a Pobreza em sua radicalidade e seguiam profundamente o Santo Evangelho.

A segunda igreja que Francisco se empenhou na reconstrução foi a de São Pedro, o qual tinha devoção. Símbolo também desde o início de sua fidelidade à Igreja de Roma em uma época de tantas desavenças. Esta capela ficava nos arredores de Rivotorto, e não se tem vestígios dela hoje. "Na autenticidade e pureza de sua fé, tinha Francisco grande devoção ao Príncipe dos Apóstolos." (BOAVENTURA, p. 24).

Depois de concluído este trabalho dirigiu-se para um lugar chamado Porciúncula, onde havia uma antiga igreja da Bem-aventurada Virgem Mãe de Deus, que estava abandonada. Francisco nutria devoção à Virgem Maria e logo empreendeu a reforma desta igreja também, já no terceiro ano de sua conversão definitiva. Por este tempo, ele ainda usava roupa de ermitão, com cinto na cintura e calçado nos pés e bastão.

Foi na igreja de Santa Maria da Porciúncula que Francisco de Assis fundou a Ordem dos Frades Menores sob o olhar da Mãe de Deus e nossa. Aconteceu, pois que no dia 24 de fevereiro de 1208, festa de São Matias, Francisco ouviu o evangelho que narra como o Senhor enviou os discípulos (cf. Mt 10, 9-10). E depois pediu que o sacerdote explicasse o Evangelho.

Ele repassou tudo ordenadamente e Francisco, ouvindo que os discípulos não deviam possuir ouro, prata ou dinheiro, nem levar bolsa ou sacola, nem pão, nem bastão pelo caminho, nem ter calçados ou duas túnicas, mas pregar o Reino de Deus e a penitência, entusiasmou-se imediatamente no espírito de Deus: É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer com todas as fibras do coração. (CELANO, 2004, p. 200).

Fervorosamente Francisco assume sua missão com maior compreensão e logo se despoja das antigas vestes e tira os calçados, o cinturão substitui por uma corda e confecciona uma túnica em forma de cruz "para afastar com ela todas as fantasias demoníacas. Ele a fez muito áspera, para crucificar a carne com os vícios." (CELANO, 2004, p. 200).

A restauração das três igrejas, provavelmente, se deu entre os anos de 1206 e 1208. Estas três obras representariam os três graus da ordem franciscana, como destaca Boaventura: "E analogamente aos três edifícios que ele reconstruía, a Igreja de Cristo se renovaria de três modos diferentes sob a orientação de Francisco e segundo sua Regra e doutrina, e o tríplice exército daqueles que devem ser salvos alcançaria vitória." (2016, p. 25).

## 6 A REGRA

Com seus onze irmãos, Francisco percebe a necessidade de uma forma e Regra de Vida que servisse para o grupo nascente e os futuros irmãos. Com poucas e simples palavras ele redigiu a regra que continha principalmente expressões do Evangelho, pois o seu único desejo era vive-lo verdadeiramente.

"Depois foi a Roma com todos os referidos Irmãos, desejando ardentemente que o Papa Inocêncio III confirmasse o que tinha escrito." (CELANO, 2004, p. 206).

Chegando a Roma encontraram o bispo de Assis, Guido, o qual estimava muito a Francisco seus irmãos e o ideal de vida. "Gostava muito de ter esses homens de valor em sua diocese e esperava muito de sua vida e de seus bons costumes" (CELANO, p. 206-207). Francisco também encontrou o bispo de Sabina, João de São Paulo, que se destacava na virtude e no desprezo das coisas deste mundo. Ele recebeu positivamente os irmãos, mas tentou convencê-los a seguir a vida eremítica ou monacal, alertando-os sobre o rigor de tão alto propósito de vida. Ambos os bispos procuraram apoiar a causa dos frades diante do Papa.

Estava à frente da Igreja o papa Inocêncio III, "zeloso da justiça em tudo que se referia ao culto da fé cristã" (CELANO, p. 207) e depois de avaliar o caso os fez muitas admoestações e abençoou Francisco de Assis e seus Irmãos, exortando-os a pregar a penitência.

Depois da forma como foram acolhidos, os frades menores foram ao túmulo de São Pedro, oraram e se puseram a caminho do vale de Espoleto. Apoiando-se na divina providência regressaram seguindo o caminho. Após a aprovação da Regra começaram a se perguntar, se deveriam viver na solidão ou entre o povo.

Mas São Francisco, que não confiava em sua sabedoria mas prevenia tudo com a santa oração, preferiu não viver apenas para si mesmo, mas para aquele que morreu por todos, convencido de que tinha sido mandado para conquistar para Deus as almas que o demônio se empenhava em arrebatá-las. (CELANO, 2004, p. 209)

Francisco percorria as cidades pregando a paz e a penitência. Muitos vieram a ele buscando viver para sempre sob sua orientação, dentre os quais eram ricos e pobres, clérigos e leigos. A eles apresentava o seu próprio exemplo, a Regra e seus

ensinamentos, de modo que a Igreja do Senhor se renovava sob o tríplice exército da Ordem.

Na verdade, parecia que, naquele tempo, tanto pela presença como pela simples fama de São Francisco, tivesse sido enviada uma luz nova do Céu para a Terra, espantando toda escuridão das trevas, que a tal ponto tinha ocupado quase toda a região, que mal dava para alguém saber para onde se estava indo. (CELANO, 2004, p. 210).

Os frades se chamavam Menores, pois eram submissos a todos, procurando o último lugar buscavam a humildade verdadeira. Fortes estavam unidos pelo laço do amor e caminhavam a passos firmes na construção espiritual de todas as virtudes. Sobre o amor lançavam as sementes de amizade verdadeira:

Com castos abraços, com terno afeto, com ósculos santos, uma conversa amiga, sorrisos modestos, semblante alegre, olhar simples, ânimo suplicante, língua moderada, respostas afáveis, o mesmo desejo, pronto obséquio e disponibilidade incansável. (CELANO, 2004, p. 212).

Impregnados de tão nobres sentimentos a Ordem crescia e viviam segundo a santa Obediência e Pobreza como assim ensinou o pai e fundador Francisco de Assis, se portando como legítimos irmãos Menores. Confirma Tomás de Celano: "Foi ele mesmo que fundou a Ordem dos Frades Menores e assim lhe deu o nome: quando estavam escrevendo na Regra: 'e sejam menores', ao ouvir essas palavras disse: 'Quero que esta fraternidade seja chamada Ordem dos Frades Menores'". (2004, p. 211).

Francisco e os Irmãos se estabeleceram em Rivotorto. Numa cabana abandonada onde viviam em extrema pobreza, trabalhando e orando. Praticavam a oração mental porque não dispunham de livros litúrgicos para recitarem o ofício divino. Aí Francisco ensinou muitas coisas a seus irmãos. E costumeiramente saía para pregar.

Muitos ao ouvirem as pregações de Francisco impunham para si a regra da penitência. Aperfeiçoada por ele, chamou este

gênero de vida Ordem dos Irmãos da Penitência ou Ordem Terceira Secular. Admitem-se nelas os clérigos e os leigos, os casados e os solteiros que pretendem encarnar os ideais do Evangelho segundo a inspiração de Francisco de Assis.

Quando a Ordem cresceu, Francisco percebeu ter chegado a hora de obter a confirmação da Regra de vida em caráter definitivo pelo Papa Honório III, sucessor de Inocêncio III, que havia aprovado.

Querendo reescrever a Regra, subiu ao monte chamado Fonte Colombo com Frei Leão e Frei Bonício. Depois de jejuar intensamente durante vários dias limitando-se a pão e água, escreveu a nova Regra. Entregou-a para Frei Elias a fim que a guardasse, mas este a extraviou. Francisco volta ao monte e novamente redige a Regra segundo a inspiração do Espírito de Deus. "Depois disso, conseguiu logo, como desejava, que o mencionado Papa Honório III lhe confirmasse solenemente a Regra, no oitavo ano de seu pontificado." (BOAVENTURA, 2016, p. 46).

## 7 OS SANTOS ESTIGMAS

Bom seria narrar muitos outros feitos de São Francisco e os Frades Menores, mas não sendo possível neste singelo escrito, passa-se já para os dois últimos anos de sua vida na terra. E neste período, o santo de Assis foi a um eremitério do Monte Alverne, já havia começado uma de suas quaresmas costumeiras, na ocasião a de São Miguel, e foi então que:

Deus lhe deu a visão de um homem com a forma de um Serafim de seis asas, que pairou acima dele com os braços abertos e os pés juntos, pregado numa cruz. Duas asas elevavam-se sobre a cabeça, duas abriam-se para voar e duas cobriam o corpo inteiro. (CELANO, 2004, p. 248).

Essa experiência mística o deixou um tanto confuso, pelos sentimentos de prazer e alegria e ao mesmo tempo tristeza, pela cruel Paixão que atormentava o Serafim. Francisco não compreendia plenamente tal situação. "Tentava descobrir o significado da visão e



seu espírito estava ansioso para compreender seu sentido". (CELANO, p. 249). Foi então que começaram a aparecer em suas mãos e pés as marcas dos quatro cravos, como as vira no Crucificado.

Suas mãos e seus pés pareciam atravessados bem no meio pelos cravos, sobressaindo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés, e as pontas do outro lado. Os sinais eram redondos nas palmas das mãos e longos no lado de fora, deixando ver um pedaço de carne, como se fossem pontas de cravo entortadas e rebatidas, saindo para fora da carne. Havia marcas dos cravos também nos pés, ressaltadas na carne. No lado direito, que parecia atravessado por uma lança, estendia-se uma cicatriz que frequentemente soltava sangue, de maneira que sua túnica e suas calças estavam, muitas vezes, banhadas naquele sangue bendito. (CELANO, 2004, p. 249).

São Francisco de Assis sempre procurou ocultar as sagradas chagas dos mais achegados irmãos e dos estranhos. Frei Elias teve oportunidade de vê-las e Frei Rufino certa vez escorregou a mão e tocou o lado. "E o servo e amigo do Altíssimo, embora se visse ornado com joias tão importantes como pedras preciosíssimas e assim destacado espetacularmente acima da glória e da honra de todos (...) procurou escondê-las." (CELANO, 2004, p. 249-250).

## 8 A PÁSCOA DO SANTO DE ASSIS

A enfermidade de Francisco se agravou e não somente os olhos estavam doentes os quais buscava tratar em Sena, mas agora todo seu corpo. Vomitava sangue pelos problemas no estômago e no fígado. Ao saber de sua situação, Frei Elias veio o mais rápido possível ao seu encontro dando-lhe ânimo a ponto de poder ir para Celle, próximo à Cortona.

Em Celle suas pernas e pés incharam e o estômago piorou ainda mais, de modo que a alimentação era praticamente impossível. Francisco nessa situação pediu a Frei Elias que o levasse para Assis, causando grande

alegria à cidade quando lá chegou. Ele bem sabia que em toda parte está instaurado o Reino dos Céus, mas naquele lugar onde tudo começou e especialmente por Santa Maria da Porciúncula, Francisco nutria um reconhecimento muito especial.

Dizia muitas vezes a seus Irmãos: Não saiam nunca deste lugar, meus filhos. Se o puserem para fora por um lado, entrem pelo outro, porque este lugar é verdadeiramente santo e habitação de Deus. Aqui o Altíssimo nos deu crescimento quando ainda éramos poucos. Aqui iluminou o coração de seus pobres com a luz de sua sabedoria. Aqui incendiou nossas vontades com o fogo do seu amor. (CELANO, 2004, p. 257-258).

Na santa obediência à vontade do Senhor, Francisco suportava a demorada enfermidade que se agravava em seu corpo. Estava muito debilitado, admirando os médicos e Irmãos, pois encontrava-se somente pele e ossos. Acometido de fortes dores por todo o corpo a morte era iminente. Admirava a todos a sua boa vontade e por manter-se risonho e alegre em tal situação.

Quando se aproximava o último dia, o qual já conhecia por revelação divina há dois anos antes, chamou os frades e os abençoou. Estando Frei Elias a sua esquerda e outros ao redor, Francisco cruzando os braços colocou a mão direita sobre Elias perguntando quem era, pois não enxergava mais. E disse as seguintes palavras: "Eu te abençoo, meu filho, em tudo e por tudo, e como o Senhor em tuas mãos aumentou os meus Irmãos e filhos, assim sobre ti e em ti a todos eu abençoo." (CELANO, 2004, p. 259).

Certo dia Francisco dentre outras palavras exclamou: "Adeus, meus filhos, vivei sempre no temor do Senhor" (CELANO, p. 259). E estando hospedado no palácio do Bispo de Assis, pediu que o levasse para Santa Maria da Porciúncula, lugar onde começou seu caminho da verdade e lá queria entregar sua alma. Estando alguns dias na Porciúncula, chegando a hora de sua morte, chamou dois Irmãos e pediu que entoassem os Louvores do Senhor e da maneira que podia recitou o

salmo 141, 2-8. Pediu então, que trouxessem o Evangelho e lessem o trecho de João 13, 1 "Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chagara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam neste mundo, amou-os até o fim".

Depois ainda, mandou que lhe colocassem um cilício e jogassem cinzas sobre ele, lembrando que ao pó voltaria. Muitos irmãos estavam presentes e no vigésimo ano de sua conversão, São Francisco de Assis foi ao céu. "Era como uma estrela do tamanho da lua e com toda a claridade do sol, levada por uma nuvenzinha branca." (CELANO, p. 260-261).

A cidade de Assis e muitos da região inteira vieram para contemplar o que o Senhor havia feito em seu servo. Cada qual bendizia o Salvador segundo a inspiração divina. Com as mãos e os pés atravessados pelos cravos e o lado traspassado pela lança, parecia que tinha sido há pouco descido da cruz.

Contemplavam sua pele, escura em vida, brilhando de alvura, e confirmando por sua beleza o prêmio da bem-aventurada ressurreição. Viam seu rosto como o de um anjo, como se estivesse vivo e não morto, e seus membros tinham adquirido a flexibilidade e a textura de uma criança. Seus nervos não se contraíram, como acontece com os mortos. A pele não se endureceu e os membros não se enrijeceram, mas dobravam para onde se quisesse. (CELANO, 2004, p. 262).

Em sua pele era possível ver os próprios cravos formados por sua carne em cor escura como ferro e o lado vermelho de sangue. O povo ao ver tais sinais da Paixão não se horrorizava, mas comoviam-se ao beijar ou somente ver as sagradas chagas de Jesus Cristo impressas no corpo de São Francisco.

Toda a multidão e os Irmãos Menores junto ao corpo de São Francisco passaram toda a noite louvando a Deus. Ao amanhecer, a multidão de Assis e o clero carregaram o corpo para a cidade ao toque de trombetas e entoando hinos.

Cada um levava um ramo de oliveira ou de outras árvores e seguiam solenemente o enterro, com muitas luminárias e cantando louvores em alta voz. Quando o cortejo, formado pelos filhos que levavam o pai e pelo rebanho, que acompanhava o pastor em busca do Pastor supremo, chegou ao lugar em que ele tinha fundado a Ordem das santas virgens e Senhoras Pobres, depositaram-no na igreja de São Damião, em que moravam aquelas suas filhas, por ele conquistadas para o Senhor. Abriu-se então a janelinha pela qual as servas de Deus costumavam receber a comunhão no tempo determinado. Abriu-se também a arca em que o tesouro de virtudes supercelestes estava guardado e em que estava sendo levado por poucos aquele que costumava arrastar tanta gente. (CELANO, 2004, p. 265-266).

Clara e suas filhas puderam se aproximar para ver o pai entre lágrimas e piedoso sofrimento. Ao chegarem à cidade colocaram seu corpo no lugar preparado e "dali ele ilumina o mundo numa profusão de milagres, do mesmo modo que antes o iluminava pela doutrina de sua santa pregação. Demos graças a Deus. Amém." (CELANO, 2004, p. 267). São Francisco de Assis foi canonizado no segundo ano do pontificado de Gregório IX no dia 16 de julho de 1228 em um dia repleto de belos gestos e celebração solene. Vale em outro momento melhor explicitar dia tão especial.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste simples texto, procurou-se chamar a atenção para o esplendoroso itinerário espiritual de Francisco de Assis, que representa um verdadeiro renascer da Igreja e marco na história da civilização ocidental. Mais que relatar acontecimentos se tentou provocar uma profunda revisão da própria caminhada daqueles que são cristãos e também de todos de boa vontade, tendo como inspiração o próprio Francisco de Assis.

O seu ideal é seguir o Cristo segundo o Evangelho, na pobreza e humildade. Na minoridade junto a seus irmãos, todos

que buscam viver a Regra assumem o compromisso de fraternidade com os homens e toda a criação, tendo Deus como Pai.

Através do irmão que sofre, seja o pobre ou o leproso, Francisco encontrou o Cristo crucificado no amor que se doa. O mistério desse amor é a própria Trindade, que levou Francisco por toda vida a orar, sobretudo pelo Louvor a Deus, Sumo Bem. Sua marca é o louvor e a bênção, 'ser' louvor e bênção em meio à criação.

É daí que decorre a docilidade em acolher a santa vontade de Deus e servi-Lo com pureza de mente e coração. Francisco de Assis através da pobreza e da obediência alcançou grande liberdade interior, pois desapegado de tudo ganhou tudo em Deus. A espiritualidade franciscana põe o Cristo irmão no centro e com Ele desenvolve uma relação afetiva e próxima. Da profundidade dessa experiência desabrocha a real tendência para a mística que exige, antes de tudo, desprendimento e entrega nas mãos do Senhor que o instrui e atrai para si.

A autêntica espiritualidade franciscana está apoiada nas virtudes evangélicas da humildade, simplicidade, abandono à divina providência, alegria, e verdadeiramente ser integrada à realidade concreta da vida das pessoas. Queira Deus, que 'todos' possam deixar-se contagiar pela leveza espiritual de tão nobre santo que soube amar na medida de Cristo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2002.  
BIHLMAYER, K. TUEVHLE, H. **História da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1964. Vol. 2.

BOAVENTURA. S. **Legenda Maior: vida de São Francisco de Assis.** São Caetano do Sul, SP: Santa Cruz Editora e Livraria, 2016.

BOAVENTURA. S. **Itinerário da mente para Deus.** Petrópolis: Vozes, 2012.

CELANO, T. Primeira Vida de São Francisco. In: **Fontes Franciscanas.** Santo André, SP: Editora Mensageiro de Santo Antônio, 2004.

CHIAPPIN, A. **A admirável personalidade psicológica de São Francisco.** Porto Alegre: Pallotti, 1976.

IRIARTE, L. **História Franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1979.

**Legenda dos três companheiros.** Petrópolis: Vozes/CEFEPAL, 1978.